



OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença**- O feminino emergente. Rio de Janeiro. RJ: Rocco, 2012.

O ELOGIO DA DIFERENÇA

Maria Carolina Meletti Adriano
(mariacmeletti@hotmail.com)

Considerado um dos clássicos da literatura feminista brasileira, a obra *Elogio da Diferença* (1991), escrita por Rosiska Darcy de Oliveira, apresenta grande reverência por retratar problemas de gênero presentes na sociedade brasileira.

A autora Rosiska Darcy de Oliveira nasceu no ano de 1944 na cidade do Rio de Janeiro, e iniciou sua carreira como jornalista em 1960, porém anos após sua estreia a autora sofreu um exílio durante a ditadura militar, que a forçou a se mudar para Genebra, na Suíça, onde permaneceu durante 10 anos e teve a oportunidade de iniciar seus estudos no campo do feminismo e da educação. Em 1983 retornou ao Brasil e em 1991 lançou o livro *Elogio da Diferença*. Atualmente, Rosiska ocupa uma das cadeiras da Academia de Letras devido aos seus ensaios (como *Elogio da Diferença*) e seus escritos sobre sua trajetória de vida.

A obra *Elogio da Diferença* teve sua primeira edição lançada em 1991, entretanto, em 2012, devido à sua importância, a editora Rocco a relançou com uma nova introdução escrita pela autora sob a perspectiva do cenário do feminismo no século XXI. Nessa nova introdução, a autora denuncia que apesar da diferença de mais de 10 anos entre a primeira e a última edição, pouca coisa havia sido mudada acerca da questão de gênero no país.

Elogio da diferença apresenta ainda, três divisões, sendo a primeira “*Dicotomia Sexual e Desigualdade*”, na qual Rosiska escreve um ensaio dialogando com a literatura antiga, mais precisamente “*Antígona*”, e a questão da mulher da sociedade patriarcal. Nessa obra, as personagens clássicas Antígona e Ismênia são consideradas duas versões opostas do feminino, enquanto Antígona representa um símbolo do feminino, onde todos os seus atos a condenam; Ismênia aceita as leis fundadoras que separam o mundo dos homens e das mulheres. Os mitos são testemunhos do fenômeno humano. Portanto, essas leis fundadoras que separam o mundo dos homens e das mulheres é um tema recorrente nos dias atuais, e são denominadas em termos técnicos de dicotomia sexual.

A dicotomia sexual ocorre desde os primórdios, como pôde ser observado na tragédia citada anteriormente. Para o sexo masculino, a mulher é entendida como vulnerável, como um “outro”, conceito muito utilizado para comprovar a imagem de dois polos opostos entre o sexo feminino/ masculino. Essa imagem criada pelos



homens da figura feminina causa uma grande superioridade masculina, criando, por consequência, dois mundos incomunicáveis que travessam aspectos da existência. A mulher é vista como o infantil e o natural (de maneira pejorativa) e o homem é visto como o adulto e o social.

A dicotomia social e a superioridade masculina, como consequência, alimentaram no início do século XX e até atualmente uma sede de igualdade nos movimentos feministas. Entretanto, é importante entender e estudar de maneira aprofundada o que é essa igualdade, e suas armadilhas perante a conquista.

No segundo capítulo da obra, intitulado “*A armadilha da igualdade*”, a autora Rosiska explica quais são essas armadilhas, o motivo delas existirem e ainda, as consequências refletidas nas mulheres da década de 80.

Com a industrialização e urbanização, as mulheres deixaram de atuar somente no âmbito privado como, por exemplo, nas tarefas de casa e passaram a exercer profissões públicas como nas metalúrgicas, na advocacia e áreas empresariais, a fim de conquistar a tão sonhada igualdade. Entretanto, essa promessa de “igualdade” não passava de uma “semelhança”, pois para a mulher ser aceita nesse mercado de trabalho era necessário que agisse e trabalhasse como um homem. E para ser amada, deveria continuar sendo uma “mulher”; resultando não apenas em uma jornada dupla e cansativa, mas em uma crise interior de identidade.

A superioridade masculina causou, portando, nas mulheres um sentimento de desejo de igualdade, esse desejo de luta as deixou às margens da sociedade; resultando, mais uma vez, a revolta nos movimentos feministas, que passaram a desejar feminização do mundo. Essa ideia de feminizar o mundo seria deste modo, a de redefinir essa má formação da base da igualdade vigente.

Portanto, essa diferença entre as cargas trabalhistas existentes entre os homens e as mulheres resultou em uma nova concepção do ideal de igualdade, que passou a ser uma ideia do fim da hierarquização e da cultura hegemônica. Oliveira, em sua obra, adiciona também termos da psicologia para melhor entender o sentimento de inferioridade feminino como, por exemplo, a ambiguidade da personalidade feminina. Essa ambiguidade é encontrada em três aspectos da psique feminina.

Primeiramente, a relação do feminino com o saber; as mulheres, apesar de serem a maioria em números de pesquisas científicas, possuem ainda um sentimento de espanto com a face do conhecimento, visto que, esse espaço sempre lhe foi negado. Outro aspecto é o vínculo feminino com a fala. Assim como o saber, as mulheres, ao proclamar um discurso se sentem ainda deslocadas e sem um espaço de voz, sendo dessa forma mais um obstáculo para a mulher quebrar o seu status de inferioridade. E por último, o medo do sucesso e, em consequência, o medo do fracasso. Um jogo de sim e não, as mulheres desejam mudar, mas possuem medo dessa mudança. Porque o sucesso é um desconhecido e, além disso, a mulher ainda apresenta o desejo da aprovação masculina.

A autora reforça a questão da jornada exercida pelas mulheres (vida privada e vida pública). O cotidiano dos homens sempre foi marcado pelo trabalho remunerado que interessava à sociedade, ou seja, a vida pública. Já a realidade



feminina era marcada pelas tarefas gratuitas de enfoque familiar, que estão ligadas ao universo privado. Com o processo de falha na igualdade, as mulheres passaram a exercer papel tanto na vida pública quanto privada; nesse momento as mulheres acabaram se revoltando e passaram a denunciar a invisibilidade do trabalho feminino no espaço privado.

No terceiro capítulo da obra, a autora traz à tona a questão da literatura feminina, já que devido à escolarização tardia, as mulheres demoraram muito para começar a conquistar um espaço na literatura e, quando esse momento finalmente aconteceu, os escritos femininos eram considerados escritos “como os homens”, considerados *andrógenos*.

Essa escrita considerada andrógena ocorre, porque segundo a crítica literária americana Carolyn Burke (1978, p. 884), “o sistema da língua é predominantemente marcado pela ideologia masculina, o que atrapalha o desempenho e torna desconfortável para a mulher utilizar e expressar seus pensamentos de maneira completa.”

Dessa forma a obra *Elogio da diferença* faz jus ao título de clássico que possui, já que, Rosiska Darcy de Oliveira retrata com veracidade pontos fundamentais da trajetória do feminismo brasileiro e mundial. Deixando claro o próximo passo do feminismo da igualdade, revelando assim que homens e mulheres jamais serão iguais, e sim que, é necessário *emergir o feminino*, termo utilizado por Rosiska: “redefinir o feminino é não ter mais um passado nostálgico já repudiado, ao qual se referir, nem tampouco um modelo masculino ao qual aderir. Reconstruir o feminino é o destino do movimento das mulheres” (pág. 73).

Referências:

BURKE, Carolyn Greenstein. **Report from Paris: women's writing and the women's movement**. Chicago: The University of Chicago Press, 1978, p. 884

Recebido em: 21/10/2020

Aprovado em: 16/04/2021